

## XVI ENCONTRO NACIONAL DE SIOT

### *Futuros do Trabalho: Políticas, Estratégias e Prospetiva*

27 e 28 de Novembro de 2015 :: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa

#### **Editorial**

A Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho (APSIOT) organizou, em 27 e 28 de novembro de 2015, o seu XVI Encontro Nacional de Profissionais em Sociologia subordinado ao tema **Futuros do Trabalho: Políticas, Estratégias e Prospetiva**.

Impõe-se refletir sobre os futuros do trabalho num contexto que em que todos os grupos sociais se encontram cada vez mais vulneráveis às políticas económicas e financeiras restritivas, em especial os jovens (com elevadas qualificações) que vivem “instalados” na precariedade laboral, submetem-se a empregos mal pagos e com más condições de trabalho e exteriorizam desânimo, incapacidade e desconfiança (inter)pessoal no futuro. Muitos detêm estatutos sociais e profissionais fragmentados (e.g., precários, temporários, formandos, bolseiros e desempregados) e condições de progressão profissional individualizadas, subjetivas e incertas. Muitos apresentam, por conseguinte, dificuldades em gerar atitudes e práticas de autoestima, solidariedade e identidade coletiva dado que são afetados pelo desemprego e/ou têm trabalhos/empregos com durações curtas e intermitentes.

A nível individual e pessoal, as consequências de ausência de horizontes de futuro e oportunidades profissionais conduzem a sentimentos de frustração, injustiça e rejeição social que equivalem a uma negação da cidadania económica e dá lugar ao desespero e ressentimento. As consequências destas marcas iniciais são, muitas vezes, duradouras e profundas. Podem manifestar-se não só pela diminuição de empregabilidade e rendimentos futuros, como pelas dificuldades de se instaurar uma (com)unidade de interesses entre os grupos sociais, o que torna as sociedades mais vulneráveis à desordem civil e à agitação política. Assim, a incorporação de um *ethos* precário e/ ou a vivência de experiências de desemprego, muitas vezes acompanhadas por identidades incertas e negativas, por parte dos jovens, remetem-nos para uma reflexão mais profunda da reconversão sociocultural na contemporaneidade patente na “sacralização” do mercado.

Neste contexto de crise e profundas adversidades económico-financeiras, bem como de regressão do *Welfare State*, visível na privatização e externalização de múltiplos serviços públicos (e.g., saúde, educação e ação social), assiste-se a importantes processos de ressimbolização do trabalho, designadamente pela: *i*) exaltação de uma “cultura de risco”; *ii*) exigência de compromisso constante por parte dos trabalhadores; *iii*) apropriação do controlo gestor e administrativo cada vez mais transversal a todos os grupos profissionais pressionados pelas lógicas de produtividade e de custo/benefício; *iv*) intensificação e racionalização subtis dos modelos de organização do trabalho; *v*) não linearidade dos processos de profissionalização, marcados por reconversões contínuas, que tornam imprevisíveis as apostas formativas; *vi*) pressão para fluxos contínuos de mobilidade organizacional e profissional, instáveis e dificilmente integráveis; *vii*) dificuldades de auto e heteroreferenciação identitária perante experiências de desemprego e exclusão social de um número crescente de grupos sociais, com especial destaque para os jovens, mulheres, indivíduos desqualificados ou com baixas qualificações e trabalhadores mais idosos; *viii*) refluxo da regulação estatal na economia em geral e no trabalho (e emprego) em particular com efeitos na desproteção dos trabalhadores, em especial os mencionados no ponto anterior, e na dessindicalização de amplas faixas da população ativa.

Em suma, os processos globais de mudança social têm vindo a implicar transformações significativas nas organizações, no trabalho, nos grupos profissionais e nos cidadãos em geral. Os contornos destas dinâmicas permanecem, no entanto, em larga medida, por conhecer, compelindo os cientistas sociais a confrontarem-se com questões a que urge dar resposta: que futuro é possível antecipar num quadro incerto? Em que medida se preserva ou se assegura formas de vinculação socioprofissional e o exercício pleno da cidadania num contexto marcado pela crise e pela precarização?

Neste XVI Encontro Nacional de SIOT, foram sugeridos seis tópicos de debate, no âmbito dos quais os participantes foram convidados a apresentarem as suas comunicações, nomeadamente: 1) Globalização, PME e internacionalização competitiva; 2) Mercados (trans)nacionais de emprego; 3) Educação e formação em contexto de trabalho; 4) Profissão, Profissionalização e Profissionalismo; 5) Diálogo social e desafios de concertação coletiva; 6) Desenvolvimento, políticas e parcerias. Durante dois dias, mais de sessenta comunicações de Sociólogos/as e

outros/as cientistas sociais animaram as sessões do presente encontro. Na Conferência de Inauguração, intitulada “Trabalho um Futuro Fragmentado?”, destaque-se a participação de Daniel Muzio (University of Newcastle, UK) e Elísio Estanque (Universidade de Coimbra). No segundo dia, na Mesa Redonda “Futuros do Trabalho: Políticas, Estratégias e Prospetiva”, tivemos oportunidade de contar com as presenças de António Pêgo (Associação Empresarial de Portugal), Francisco Madelino (ISCTE), Ilona Kovács (ISEG) e Manuel Carvalho da Silva (CES-Lisboa). É pois com satisfação que publicamos as Atas deste Encontro, não obstante o reduzido número de textos, em face das dificuldades de muitos colegas apresentarem os textos escritos das suas comunicações finais.

Para o sucesso alcançado neste XVI Encontro Nacional de SIOT, contribuíram várias pessoas e organizações, às quais é devido um agradecimento. À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pelo acolhimento e pela cedência das suas instalações para a realização deste Encontro; ao CICS-NOVA, à Universidade Autónoma de Lisboa, ao Novo Banco e à FCT por se juntarem a esta iniciativa; aos conferencistas convidados por partilharem o seu conhecimento e promoverem a reflexão e o debate; aos moderadores e oradores dos vários painéis temáticos que alimentaram esses espaços de discussão ativa; aos membros do Conselho de Programa por prestigiarem este Encontro Nacional com a avaliação científica das comunicações; e aos membros que integraram a Comissão Organizadora que desde o primeiro momento levaram a bom porto este evento.

Lisboa, Março de 2016

A Presidente da Comissão Organizadora  
*Ana Paula Marques*

## **Comunicações Finais**